

Mulheres vítimas de violência devem procurar serviços de saúde e delegacias durante a quarentena, dizem especialistas

Delegacias de Defesa da Mulher, a Casa da Mulher Brasileira e Centros de Acolhimento continuarão funcionando durante o período de isolamento social.

[\(G1/SP, 28/03/2020 - acesse no site de origem\)](#)

O governo de [São Paulo](#) adotou nas últimas semanas uma série de estratégias para evitar a propagação do coronavírus. Uma das principais recomendações foi para que as pessoas cumpram a quarentena e fiquem em suas casas. Segundo especialistas ouvidos pelo **G1**, a ação é necessária, mas traz fatores de risco que podem ocasionar o aumento dos casos de violência contra a mulher. Eles pedem para que as vítimas não deixem de buscar atendimento no serviço de saúde durante o período.

“Muitas vezes a porta de entrada da violência contra as mulheres é o serviço de saúde, que está sobrecarregado, então, existe também um risco das mulheres não conseguirem ou acharem que não devem acessar o serviço de saúde. Isso para a violência, mas também para a saúde sexual reprodutiva, então, sim, a gente vai ter que deixar bem claro e os serviços têm que estar abertos, tem que estar funcionando”, disse a gerente de Projetos da ONU Mulheres para Prevenção e Eliminação da Violência contra as Mulheres, Maria Carolina Ferracini.

[Já o hospital Pérola Byington, no bairro da Bela Vista, região central de São Paulo, referência no atendimento às mulheres vítimas de violência sexual no Brasil](#), suspendeu a realização dos procedimentos de interrupção da gravidez nos casos previstos em lei. As consultadas de avaliação e os procedimentos foram todos cancelados.

“Os fatores de risco de violência doméstica neste isolamento são muitos, mas alguns são bem claros. É a questão de você ter muito mais tempo dentro de casa, uma convivência forçada, o stress econômico que a pandemia e o isolamento tem causado e o próprio medo do vírus”, completa Ferracini.

A diretora do Instituto Patrícia Galvão, Jacira Melo, reforça que a medida é necessária, mas concorda que alguns fatores podem ser determinantes para o aumento da violência contra mulheres.

“Estamos diante de um problema muito sério. Esse ambiente de isolamento é importante, é necessário, mas traz riscos reais as mulheres em relação à violência”, disse.

“Tem uma coisa muito complexa para a gente pensar que é a questão da restrição financeira nesse momento, isso traz obstáculos grandes para a mulher conseguir sair de uma situação de violência, em especial, as mulheres que tem filho, as mulheres pensam dez vezes em sair de uma relação sem ter para onde ir, ou ficar em segurança com um parente, ou amigo, pensam dez vezes na proteção das crianças. Então, é preciso que essa mulher chame, peça ajuda, peça ajuda a um vizinho, a uma irmã, grite, ligue, porque essa é uma forma também de intimidar o agressor”, completa Jacira.

A gerente de Projetos da ONU Mulheres para Prevenção e Eliminação da Violência contra as Mulheres, Maria Carolina Ferracini, destaca também que o aumento de casos já pode ser percebido em outros países que enfrentaram o isolamento meses antes. [No Rio de Janeiro, o número de casos de violência doméstica cresceu 50% durante a quarentena.](#)

“A gente teve um dado hoje do Rio de Janeiro já indicando um aumento nos relatos para a justiça e nós tivemos notícias da federação do Reino Unido que fez uma pesquisa sobre os países com algumas semanas a mais que nós de isolamento. Na China, triplicou os relatos para a polícia de violência doméstica, de violência de gênero e tem outros riscos”, completa Ferracini.

A promotora de Justiça, Fabíola Sucasas, autora e coordenadora do projeto

Prevenção da Violência Doméstica como Estratégia de Saúde da Família (PVDESF), defende que a vítima deve construir um plano de segurança e estar amparada por uma rede de emergência.

“Prevenir é a ordem, não tenho dúvida. É preciso estar atenta aos sinais desse complexo de acirramentos e construir um plano de segurança. A mulher deve se preparar, planejar, buscar criar uma rede de apoio para emergências, sabendo lidar nas situações anteriores aos ataques, enquanto eles ocorrem e após os episódios. A construção de planos de segurança é fundamental para traçar uma válvula de escape, mas deve ser feito de forma coordenada, especializada e amparada pelos serviços essenciais que devem funcionar e atender as mulheres mesmo neste período”, disse Sucasas.

De acordo com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), os quatro Centros de Referência e os cinco de Cidadania da Mulher permanecem abertos das 10h às 16h. Assim como a Casa da Mulher Brasileira que continua funcionando 24 horas por dia.

Segundo a pasta, o Centro de Acolhida Especial para Mulheres em Situação de Violência, com 100 vagas, também segue funcionando. Por ser serviço sigiloso e de garantia de segurança da mulher, os endereços não são publicados. Quem precisar de atendimento, pode procurar qualquer equipamento da Prefeitura de São Paulo que atenda mulheres vítimas de violência.

“Neste momento a gente quer mostrar que a Prefeitura de São Paulo continua perto, continua aberto com seus equipamentos de acolhimento na cidade de São Paulo. A gente lançou uma campanha #seguimosperto para informar as mulheres que a gente continua prestando atenção a esse tema”, disse a secretária municipal de Direitos Humanos e cidadania, Ana Cláudia Carletto.

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública, as Delegacias de Defesa da Mulher também permanecem abertas durante a quarentena, pois são consideradas serviços essenciais.

Por Beatriz Borges, G1 SP

Prevenção

Lavar as mãos constantemente é uma das principais formas de prevenção



1.
Lavar as mãos até a metade do pulso, esfregando também as partes internas das unhas



2.
Usar álcool 70 para limpar as mãos antes de encostar em áreas como olhos, nariz e boca



3.
Tossir ou espirrar levando o rosto à parte interna do cotovelo



4.
Evitar multidões



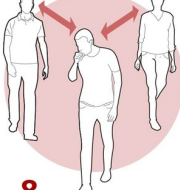
5.
Usar máscara se for em ambientes muito cheios ou fechados



6.
Usar máscara caso apresente sintomas



7.
Evitar tocar nariz, olhos e boca antes de limpar as mãos



8.
Manter a distância de um metro de pessoas espirrando ou tossindo



9.
Limpar com álcool objetos tocados frequentemente



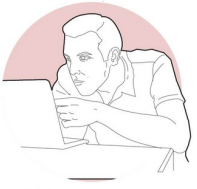
10.
Evitar cumprimentar com beijos no rosto, apertando as mãos ou abraçando



11.
Evitar sair de casa, caso apresente algum sintoma da gripe



12.
Utilizar lenço descartável quando estiver com nariz escorrendo



13.
Se informar sobre os métodos de prevenção e passar informações corretas

Fonte: OMS, Ho Yeh Li, da Faculdade de Medicina da USP, e Rosana Richtmann, do Instituto Emílio Ribas

Perspectivas norueguesas e brasileiras sobre gênero e igualdade racial - São Paulo, 25/11/19

A Innovation Norway, a Embaixada da Noruega e o Real Consulado Geral da Noruega convidam para o evento “*Perspectivas norueguesas e brasileiras sobre gênero e igualdade racial*”, que acontece no dia 25 de novembro, em São Paulo/SP. O evento, que integra o calendário da [Norway Brazil Weeks](#), reunirá jornalistas, influenciadoras e empresárias para uma troca de experiências sobre estratégias utilizadas nos negócios e mídias para impulsionar a igualdade de gênero e raça. Os debates apresentarão as diferenças e similaridades entre Brasil e Noruega quanto as perspectivas econômica, social e ética da diversidade.

Será disponibilizada tradução simultânea durante todo o evento. Mais informações [neste link](#).

Programação

14:00	Inscrição (30 min)
14:30	Abertura (05 min)
	Nils Martin Gunneng , Norwegian Embassy

14:35	<p align="center">Compartilhando experiências: Igualdade de Gênero e Diversidade impulsionam o desenvolvimento econômico (1h)</p>
	<p align="center">Curto vídeo sobre viagem de imprensa de gênero, Outubro 2019</p> <p align="center">Painelistas:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Luciana Barreto, CNN Brasil · Carlos Lienstadt, HR VP, Yara Brasil · TBA, Mulheres no Brasil <p align="center">Moderadora: Pilar Neves, Innovation Norway</p>
15:35	<p align="center">Sessão Q&A (10 min)</p>
15:45	<p align="center">Uso estratégico da mídia na visibilização da diversidade (1h)</p>
	<p align="center">Panelists:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Charô Nunes, Instagram Blogueiras Negras · Semayat Oliveira, Instagram Nós Mulheres da Periferia · Palestrante indicado pela Trip, TBC <p align="center">Moderadora: Jacira Melo, Instituto Patricia Galvão</p>
16:45	<p align="center">Resultados parciais do plano diretor: Como implementar estratégias de gênero e diversidade nos seus negócios (30min)</p>
	<p align="center">Sandra Valle, Pro-Mundo</p>

17:15	Campanha ONU Mulheres - 16 dias de ativismo #orangetheworld #pinteomundodelaranja - (30min)
	Adriana Carvalho, ONU Mulheres - TBC
17:45	Considerações finais

Perspectivas Norueguesas e Brasileiras sobre gênero e igualdade racial.

Local: Casa de Cultura do Parque - Av. Prof. Fonseca Rodrigues, 1.300 - Alto de Pinheiros, São Paulo

Dia 25/011/2019, das 14h às 18h.

Violência contra as mulheres é tema do novo episódio do podcast “Vire a Chave”

No Brasil, as ocorrências de feminicídio aumentaram 12% de 2017 para 2018, segundo o Atlas da Violência. No ano de 2018, foram registrados 1.173 casos, 76% deles cometidos pelo parceiro ou ex-companheiro da vítima.

Além de um balanço sobre a Lei Maria da Penha, o podcast “Vire a Chave”, produzido pelo Núcleo de Comunicação do IBCCRIM (Instituto Brasileiro de Ciências Criminais), discute outras formas de violência cometidas contra mulheres e convida as debatedoras para analisarem o papel da mídia na representação de mulheres e na cobertura de casos sobre violência doméstica.

A gravação contou com a presença de Jacira Vieira de Melo, filósofa, mestre em Ciências da Comunicação e diretora-executiva do Instituto Patrícia Galvão; Maria Sylvia Aparecida de Oliveira, advogada e presidenta do Geledés - Instituto da Mulher Negra; e Rute Alonso, vice-presidenta da União de Mulheres de São Paulo, co-coordenadora do Promotoras Legais Populares e coordenadora do Centro de Defesa e de Convivência da Mulher. A apresentação é do Gabriel Queiroz e da Harumi Visconti.

O podcast está disponível no [Spotify](#) e no [SoundCloud](#).

Uma vida inteira pelo fim da violência contra a mulher: A luta de Jacira Melo

Diretora do Instituto Patrícia Galvão defende acesso à informação para reduzir violência doméstica.

[\(HuffPost Brasil, 09/01/2019 - acesse no site de origem\)](#)

A luta é antiga e objetivo é claro. São cerca de 40 anos de atuação profissional na área, desde uma época em que o assunto ainda não era tão debatido como hoje. **Jacira Melo**, 61 anos, diretora do Instituto Patrícia Galvão, organização que atua pelos direitos das mulheres, começou a se envolver com o feminismo ainda na faculdade, antes dos anos 80. Na época, ela participou da criação de um grupo chamado 8 de Março e lembra que até a data, o Dia Internacional da Mulher, não era tão conhecido ainda. E foi nessa época que começou sua atuação feminista. Estudante de filosofia, Jacira participou de encontros importantes para o movimento no Brasil e logo começou a trabalhar com violência contra a mulher. “Eu e outras parcerias feministas vimos que era importante ter um espaço de atenção à violência contra as mulheres e criamos o SOS Mulher, em São Paulo, em 1980 e a

grande contribuição foi dar visibilidade à violência contra as mulheres”.

Mas, na verdade, suas primeiras descobertas nesse quesito ocorreram ainda mais cedo. Observou em sua casa, no comportamento do pai, “um homem militar, nascido em Alagoas”, algo que sabia que podia - e tinha que - combater. Estava naturalizado no discurso do pai: Jacira e as outras três irmãs poderiam estudar apenas até concluir o Ensino Fundamental II que já seria suficiente. Curso superior era apenas para o irmão. “Ele foi um pai muito presente, muito dedicado, mas dizia que com esse estudo nós [mulheres] já estaríamos preparadas para a vida de casadas. E com a minha mãe era um companheiro nada solidário e ela sonhava em trabalhar, ter uma vida própria e isso era impossível e acima de tudo era um parceiro que cometia a violência psicológica, sempre desqualificando minha mãe”.

É uma luta apaixonante, você entra e não sai mais porque tem a ver com a liberdade de ser, o direito de viver uma vida sem violência desde pequena.



A diretora do Instituto Patrícia Galvão, hoje com 61 anos, começou a pensar

sobre feminismo ainda jovem. (Foto: Caroline Lima/especial para o Huffpost Brasil)

Quando tinha dez anos, começou a enfrentar o pai porque não queria que ele falasse com a mãe do jeito que falava. Comprou muita briga até que o pai chegou a ameaçar deixar de pagar sua escola se a filha insistisse em se intrometer na relação dos dois. Foi quando Jacira decidiu então, já com 14 anos, que ia trabalhar para pagar o colégio. “Sempre tive uma relação afetiva forte com meu pai e enfrentá-lo foi importante para o meu amadurecimento como mulher, para encontrar o meu lugar de mulher no mundo e minha mãe não merecia passar por aquela situação, ela merecia uma vida sem violência”.

Levou essa máxima para todo o seu futuro. E também o aprendizado de que a violência começa sempre dentro do ambiente doméstico e de que não se trata de casos de fórum íntimo. “A violência que acontece dentro de casa é a primeira linguagem de violência que as crianças aprendem, é o primeiro momento onde se resolve os conflitos na base da violência e se naturaliza isso no espaço público. Isso é muito grave e ainda está muito profundo na visão das sociedades de que a violência contra as mulheres é um problema de fórum íntimo e ele não é. É social e exige a reação de cada uma de nós”.

As demandas das mulheres não estão sendo debatidas, mas elas podem definir as eleições de 2018, por Jacira Melo

Quais são as principais preocupações das 77 milhões de mulheres brasileiras, que representam 52,5% dos votos nestas eleições? A [pesquisa Ibope/ONU](#)

[Mulheres realizada em agosto](#) revela que as brasileiras priorizam mudanças sociais e investimentos em serviços públicos.

(Agência Patrícia Galvão, 04/10/2018)

Em suas respostas, as mulheres destacam que consideram como de extrema importância uma série de medidas que o governo federal deve implementar nas seguintes áreas: saúde (por exemplo, criar medidas para ajudar os municípios a diminuir o tempo entre a marcação e realização de consultas e exames); segurança (ex.: ampliar a rede de atendimento a mulheres vítimas de violência); educação (ex.: municípios devem receber ajuda para ampliar vagas em creches); trabalho (ex.: promover políticas que incentivem que homens e mulheres tenham os mesmos salários e oportunidades).

Esses dados apontam que as mulheres, além de salientar a urgência de melhorias nas áreas de saúde, segurança e educação, também enfatizam a necessidade de mais investimentos públicos e mudanças de políticas para o enfrentamento das desigualdades sociais. Contudo, todas essas preocupações destacadas pelas mulheres como prioridades para o próximo governo têm sido pouco debatidas pelos candidatos e candidatas à presidência.

Mulheres com menor renda e escolaridade podem garantir um segundo turno

Em relação à intenção de voto das eleitoras, segundo a pesquisa Ibope divulgada em 3/10, as mulheres que declaram voto em Bolsonaro têm um perfil semelhante ao dos eleitores homens do candidato do PSL: renda mais alta, maior escolaridade e concentração nas regiões Sudeste e Sul.

Tudo indica que um provável segundo turno nesta eleição presidencial será garantido pelas mulheres de menor renda, menor escolaridade e que vivem nas regiões mais carentes do país. Ao mesmo tempo, as pesquisas revelam que as mulheres tendem a ser mais exigentes com relação às propostas que têm a ver com a vida real cotidiana, especialmente por serem as principais usuárias dos serviços públicos. No segundo turno, as mulheres precisam estar no centro dos debates e das propostas sobre políticas e mudanças sociais para o país.

“Gosta de apanhar”: por que é tão difícil sair do relacionamento violento?

Uma relação violenta se dá em fases. A primeira parte do ciclo é a lua-de-mel, a sedução. A pessoa promete o céu e a terra até ter a parceira na palma da mão e torná-la sua “posse”.

[\(Universa, 04/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Aí vem a segunda fase do ciclo - e o fim da fantasia - o parceiro despreza a vítima, age maneira grosseira ou se torna muito ciumento.

Então vem a terceira fase: agressões verbais, diminuição da pessoa. É no ápice dessa etapa que se dá o ataque físico. E, na sequência, pedidos de desculpas, flores... atitudes que levam de volta ao ciclo que aprisiona mulheres como a modelo Jessica Aronis, 28 anos.

A história dela é um exemplo de como é difícil tomar a coragem de quebrar esse ciclo. Mas também fez muita gente se perguntar por que ela se manteve em uma relação dessas por tanto tempo. Ao longo dessa reportagem, colocamos os comentários de leitores na matéria que foi publicada na quarta-feira (3 de outubro). Aqui, fazemos uma tentativa de explicar o que leva a mulher a se manter em situação de risco. E tentamos encorajá-las a dar um basta na violência.

Como no drama de Jessica, milhares de mulheres vivem relações física e psicologicamente abusivas, mas não se dão conta porque, por amor, se prendem na parte “romântica” do ciclo e nas promessas de melhora.

Eu tenho uma tese bem radical e, apesar de achar que a UOL vai bloquear meu comentário, falo isso mais no sentido de reforçar que ves mulheres não podem ficar vítimas disso. Mulher que apanha uma, uma vez sequer de um homem, e continua com ele, GOSTA DE APANHAR!!!

0 | Responder

Modelo e empresária??? E passa por essas humilhações???

0 | Responder

É assustador o número de mulheres que se sujeitam a esse tipo de relacionamento, o que me faz perguntar: apesar das inúmeras experiências relatadas e comprovadas, o que leva uma mulher a escolher um relacionamento assim e ainda se manter nele?

1 | Responder | Respostas (3) v

Eu nunca vou entender essas coisas, nunca vou entender como uma mulher linda dessas fica com um maluco desses

0 | Responder

Comentários em reportagem sobre a história de Jessica (Imagem: Reprodução/UOL)

Jessica se viu na situação nos últimos seis anos, quando manteve relacionamento com um companheiro que a agredia. Como consequência de todo o abuso psicológico que sofria, perdeu muito peso e ficou fraca. Pode ser difícil mesmo acreditar como uma mulher como ela, que tem uma família estruturada e condições financeiras, pôde ficar tanto tempo em um relacionamento violento. A razão, como vemos a seguir, é emocionalmente complexa.

Mulher foi criada para salvar a relação

Valéria Scarance, promotora de justiça coordenadora do Núcleo de Gênero do Ministério Público de São Paulo, enfatiza que uma mulher não escolhe estar em um relacionamento abusivo. “Ela começa a se relacionar com um homem que, aos poucos, se torna violento. A violência física só acontece quando a mulher já está fragilizada, quando ela já está dominada”, pontua a especialista.

Jacira Melo, diretora do Instituto Patrícia Galvão, organização que trabalha na divulgação do direito das mulheres, diz que o afeto cultivado na fase da sedução também pode ser um fio que aprisiona esta vítima. “As mulheres foram socialmente criadas para fazer o casamento dar certo”, diz Melo. “Elas se permitem ficar numa situação dessas porque acreditam que podem salvar o parceiro”, complementa a psicóloga Raquel Baldo, de São Paulo (SP).

Além de sentir afeto pelo par, a mulher fica encurralada pelo ciclo de violência, que é psicologicamente muito destrutivo. “Essa alternância do comportamento do agressor, ora violento, ora amoroso, gera uma confusão na mulher sobre ela realmente ser vítima ou estar provocando essa situação”.

Adeus, autonomia

O resultado deste processo lento de dominação é uma mulher sem autonomia e autoestima. “Faz a pessoa perder a própria identidade e se sentir em uma situação em que ela não consegue ver uma saída”, explica a neuropsicóloga Carla Salcedo. “Ela acha que não conseguiria fazer as coisas sozinha, então chega a ficar grata pelo que está passando”, diz Raquel.

O agressor, ainda, tende a isolar a mulher da família e dos amigos, o que torna a ruptura difícil, uma vez que a vítima não conta com uma rede de apoio que pode socorrê-la. “A mulher fica desamparada na própria existência”, afirma Baldo.

Somente duas perguntas: Seis anos de relacionamento abusivo? E porque você n
disso antes?

1 | Responder

e levou quanto tempo mesmo para sair de casa e procurar ajuda, e até mesmo de
o cara? Acho que foi depois da primeira vez que isso ocorreu, não? NÃO ? oras...

0 | Responder

-
Se a mulher aguenta 6 anos de piaba no rosto alguma coisa está errada com ela

0 | Responder

Se aturasse duas vezes essa “intempérie” já seria um absurdo. Conviver assim p
anos, demonstra que não possui um mínimo de amor próprio. - Não tem o men
sentido.

0 | Responder

Pessoas não compreendem razões de
mulher continuar no relacionamento
(Imagem: Reprodução/UOL)

Sozinha, a mulher costuma ficar muito tempo sem falar para outras pessoas sobre o que está passando em seu âmbito íntimo. “Como é algo que só ela percebe, acaba ficando muito tempo dentro disso”, fala Salcedo. E se calam por causa do sentimento de constrangimento e culpa por estarem naquela situação. “Elas se perguntam se não são a causadora das ações do marido, se precisam mudar para não sofrer mais”, explica Raquel.

Quebrar o ciclo é possível

Porém, mesmo quando quebram o silêncio e compartilham as situações de violência com um conhecido, muitas vezes as vítimas ouvem frases como “você não tem amor próprio para largar esse homem?” ou “você é idiota de ficar apanhando todos os dias?”. Esta abordagem dificulta que as mulheres busquem ajuda e continuem em silêncio. “Estas pessoas estão repetindo o padrão do agressor”, comenta Valéria Scarance. “Enquanto a pessoa tiver uma postura de julgamento em relação à vítima, ela está do lado agressor”, fala Salcedo.

Medo de chamar a polícia

Tudo isso é complicado. Porém, vivemos em um país onde, a cada 2 segundos uma mulher é vítima de violência física ou doméstica no país. Elas também levam em consideração o medo de sofrer uma retaliação por parte do companheiro, caso deem um basta na situação. É uma mistura de esperança com muito medo.

“A lei aqui no Brasil não motiva a buscar ajuda. É um processo longo”, explica Raquel Baldo. “Os dados mostram que as principais vítimas de feminicídio são mulheres que estavam no processo de romper um relacionamento”, explica Jacira Melo. Apenas no ano passado, 1.133 mulheres morreram vítimas de feminicídio no Brasil, de acordo com o anuário sobre crimes violentos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Valéria Scarance afirma, no entanto, que mulheres que acionam a polícia são potencialmente salvas. “De acordo com o Raio X do Feminicídio, feito pelo do Ministério Público de São Paulo, em 2018, em apenas 3% dos casos a mulher tinha pedido medida protetiva. Pedir ajuda policial estatisticamente salva vidas”, explica a especialista.

Ao perceber que uma mulher próxima está nessa situação, a melhor forma é amparar a vítima e incentivá-la a buscar ajuda. “Ela não pode se sentir sozinha. Ela precisa compartilhar com as pessoas de forma íntima o que está passando. Enquanto estiver falando sobre o que está passando, maiores as

chances de encontrar uma saída dessa situação”, finaliza Jacira. Incentivá-la a ter autonomia pessoal e financeira também é uma rota de fuga. Só pode sair de casa quem tem a chave da porta”, explica Valéria.

Como denunciar?

- Em casos de emergência, como agressões físicas, é preciso ligar para a Polícia Militar por meio do número 190.
- Todas as delegacias no Brasil podem registrar um boletim de ocorrência por violência doméstica, crime amparado pela Lei Maria da Penha.
- Caso se sinta mais confortável, busque uma Delegacia da Mulher - procure a mais próxima de sua residência na internet. O atendimento especializado funciona em todos os estados brasileiros. Também é possível pedir uma medida protetiva de urgência em qualquer delegacia.
- Demais denúncias podem ser feitas pelo Disque 180 (Central de Atendimento à Mulher em Violência), serviço que envia o caso ao Ministério Público e dá orientações jurídicas e de saúde. O número funciona todos os dias da semana, inclusive feriados, 24h.

Natália Eiras

Ana Paula Portela e Jacira Melo comentam políticas públicas para mulheres

No Podcast Folhape, desta terça-feira (2), as políticas públicas voltadas para as mulheres nos planos de Governo dos presidentiáveis e candidatos ao Governo de Pernambuco foram os principais assuntos do programa Folha Política com a socióloga Ana Paula Portela. “A tipificação do feminicídio é

uma tentativa chamar atenção para mostrar que as mulheres e os homens morrem em circunstâncias diferentes. É mostrar que as mulheres morrem devido a desigualdade de gênero”, disse Ana Paula.

[\(Folha PE, 02/10/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Ainda no programa da Rádio Folha 96.7 FM, a diretora do Instituto Patrícia Galvão, Jacira Melo, comentou o papel decisivo das mulheres na eleição. “As mulheres estão num processo de construção de voz”, identificou Jacira.

Procurador eleitoral recebe representante do Instituto Patrícia Galvão

Encontro foi pautado pela importância da participação feminina nas eleições desse ano.

[\(PRE-SP, 15/06/2018 - acesse no site de origem\)](#)

No dia 25 de maio, a Procuradoria Regional Eleitoral de São Paulo (PRE-SP) recebeu Jacira Melo, representante do Instituto Patrícia Galvão, uma das primeiras organizações feministas no país a se estruturar para atuação nos campos dos direitos das mulheres e do debate público através da imprensa.

A representante reuniu-se com o procurador regional eleitoral em São Paulo, Luiz Carlos dos Santos Gonçalves, para discutir sobre a importância e o apoio às candidaturas femininas nas eleições 2018.

O Instituto Patrícia Galvão foi criado em 2009, com o objetivo de ampliar a cobertura jornalística, influenciando no comportamento editorial sobre problemas, propostas e prioridades que atingem 51% da população do país:

as mulheres.

Congresso GIFE: Brasil, democracia e desenvolvimento sustentável - São Paulo/SP, 04 a 06/04/2018

Em 2018 o Congresso GIFE chega a sua 10ª edição. Bianual, o evento é referência sobre o tema do investimento social privado e ao longo desses 20 anos reuniu mais de 5 mil pessoas de todos os estados do Brasil e de fora do país para ouvirem e debaterem sobre temas de relevância do setor. O congresso do GIFE se consagrou como um importante espaço de aprendizado, diálogo e troca entre as principais lideranças de investidores sociais do país, dirigentes de organizações da sociedade civil, acadêmicos, consultores e representantes de governos.

[\(Congresso GIFE - acesse mais informações aqui\)](#)

O 10º Congresso GIFE “Brasil, democracia e desenvolvimento sustentável” acontece de **4 a 6 de abril de 2018** na **Fecomercio de São Paulo** - cidade onde se concentra a maior parte dos investidores sociais do Brasil. Serão três dias de programação em que reuniremos quase mil participantes para pensar quais as contribuições do investimento social privado para a formação de novas agendas e convergências no país.

Para saber mais sobre a programação e inscrições, acesse o [site do GIFE](#)

Jacira Melo, diretora do Instituto Patrícia Galvão, comenta temas violentos em músicas no programa Hora E+

O Hora E+ fala sobre músicas que possuem temas violentos com Jacira Melo, diretora executiva do Instituto Patrícia Galvão, que tem diversas iniciativas pelos direitos das mulheres.

[\(Emais, 23/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)